

PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS /t/ e /d/ ANTECEDIDA DA SEMIVOGAL /y/ EM DUAS COMUNIDADES DE PRÁTICA DE SERGIPE

Valéria Santos Sousa (UFS)
valeriawinx@live.com

Introdução¹

Este trabalho tem por objetivo analisar a ocorrência da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedidas por glide, a fim de verificar os efeitos da variável gênero/sexo nas comunidades de práticas “PIBID de Matemática”, que é um projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Sergipe. e o *praesidium* “Mãe da Divina Graça”, situado no povoado Açuzinho, município de Lagarto-SE.

A Sociolinguística é o ramo da linguística que investiga as relações entre língua e sociedade, e tem como foco analisar o comportamento linguístico de determinadas comunidades. A sociolinguística desenvolveu-se entre a década de 1950 e 1960, sendo dividida basicamente em duas áreas: a Sociolinguística Interacional, que estuda a linguagem no processo comunicativo em meio social a partir do papel que o indivíduo desempenha; e a Sociolinguística Variacionista, que se preocupa com a mudança linguística que ocorre em determinado contexto social. De acordo com Labov (2008, p. 13), “uma determinada língua usada na vida diária por membros da ordem social, é um veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam os seus inimigos”.

A Sociolinguística Variacionista é uma abordagem proposta por William Labov, na década de 1960. A partir de seus estudos ele evidenciou que a língua é heterogênea e não homogênea, pois em seu uso real esta sofre constantemente modificações, possuindo regras variáveis, pois a língua em seu uso real sofre modificações quando o falante se comunica. Como afirma Tarallo, as “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (1986, p. 8).

Partindo desse princípio de heterogeneidade e variação, evidencia-se que a linguagem é constituída pela interação dos indivíduos de uma determinada comunidade que compartilham os mesmos ideais, crenças e valores linguísticos. Para Freitag (2013, p.47), “uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meios de redes comunicativas diversas”. Dessa maneira deve-se considerar as interações das comunidades de práticas, a etnografia e a língua que constantemente sofre mudanças.

¹ Trabalho decorrente do desenvolvimento do plano de trabalho intitulado *Língua, identidade e cultura: gênero em relações públicas vs. privadas*, vinculado ao projeto *Língua, identidade e cultura: efeitos de gênero nas representações sociolinguísticas em Sergipe*, coordenado pela Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag, no período de 2013-2014, junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal de Sergipe. Fazem parte deste trabalho também, “*Língua identidade e cultura: gênero em relações de escolaridade*” desenvolvido por Cristiane Conceição de Santana, e “*Língua, identidade e cultura: gênero em relações de faixa etária*”, por Thais Regina Conceição de Andrade, também vinculado ao mesmo projeto.

Em uma comunidade de fala pode ocorrer a troca de usos linguísticos quando os indivíduos encontram-se reunidos, porém, essas trocas linguísticas podem sofrer mudanças.

O engajamento mútuo dos agentes humanos em uma ampla gama de atividades que cria, sustenta, desafia e, por vezes muda a sociedade e suas instituições, incluindo ambos, gênero e linguagem; e o lugar de tal engajamento mútuo são as comunidades. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 101)

O fator sexo/ gênero é determinante para observar os efeitos de prestígio social, a fim de verificar como se comporta o traço linguístico quanto aos falares, femininos e masculinos. Coulthard (1991) indaga “se há diferenças entre o estilo interativo de homens quando falam com homens, e os de mulheres entre si ou homens se comportam de maneira diferente quando conversam com mulheres ou vice e versa”.

A linguagem da mulher tem sido compreendida como refletindo o seu conservadorismo, consciência de prestígio, mobilidade ascendente, insegurança, deferência, encorajamento, expressividade emotiva, sensibilidade em relação aos outros, solidariedade. Já a linguagem dos homens é descrita como evidenciando sua dureza, falta de afeto, competitividade, independência, competência, hierarquia. (ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2010, p. 95).

Os estudos de Paiva (1992) e Mota (2008) apontam que “as mulheres tendem a conservar e liderar processos de mudança linguística em que as formas envolvidas são de prestígio, já os homens independem da forma de prestígio social”.

Um processo de mudança pode ser a instalação de uma forma prestigiada socialmente ou estigmatizada, que infringe padrões linguísticos vigentes. A distinção entre esses dois tipos de mudança permite definir com maior clareza o papel da variável gênero/sexo nos processos de mudança (PAIVA, 2003, p. 36)

Partindo dessas premissas, procuramos investigar quais as diferenças entre os falares femininos e masculinos nas duas comunidades em análise, tomando como base os fatores extralinguísticos escolaridade, faixa- etária e localização geográfica. Nosso foco é a análise em torno da palatalização das oclusivas dentais antecedida da semivogal /y/ em duas comunidades de práticas distintas.

“A palatalização é um fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal” (DUBOIS, 2004, p. 448). Quando as oclusivas dentais /t/ e /d/ ocorrem antecedidas por glide assimilam-se podendo produzir fonologicamente os alofones /t^h/ e /d^h/. Diversos estudos realizados em torno da palatalização da oclusiva dental diante da semivogal /y/ apontam resultados sociais diferenciados, considerando a natureza heterogênea e variável da língua, já que a palatalização é condicionada por fatores sociais, como a faixa etária, gênero/ sexo, escolaridade. Segundo Bisol e Hora (1993, p. 15), “a palatalização das oclusivas dentais na interpretação da fonologia autosegmental é entendida como um processo assimilatório”, pois a palatalização é um processo fonológico que pode assimilar e influenciar o fonema vizinho.

Em determinadas regiões dialetais, a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ ocorre frequentemente sem que o falante perceba, porém a depender do traço linguístico da região ele pode utilizar a semivogal /j/ no momento da conversação que é considerada uma variável, como, por exemplo, pronunciam (leite/leit□e), (biscoito/biscoit□o), (endoidar/endoid□ar), contudo, tem diferentes maneiras de ser pronunciada, porém essas palavras são estigmatizadas por indivíduos que residem na zona rural e não são escolarizadas.

1. Metodologia

A metodologia adotada nessa pesquisa implicará em dois níveis : um é o nível macro, seguindo a sociolinguística clássica, aos moldes labovianos, que categoriza os sujeitos da pesquisa segundo critérios como sexo, idade, escolaridade e classe socioeconômico; e o outro é o nível micro, que visa focar o levantamento de dados em comunidades de prática, nesse nível faz-se necessário realizar uma abordagem de base etnográfica (cf. FREITAG; MARTINS; TAVARES, 2012; FREITAG, 2013). A etnografia aplicada aos estudos sociolinguísticos tem envolvido diferentes procedimentos e caracteriza-se pelo envolvimento do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, exigindo uma observação e uma interpretação de entendimento dos dados coletados, fazendo com que ele tome parte de alguma atividade peculiar da comunidade.

O primeiro passo da metodologia foi identificar as duas comunidades de práticas que possibilitassem estudar a questão do gênero em relação à faixa etária, o “PIBID de Matemática”, na Universidade Federal de Sergipe e o *praesidium* “Mãe da Divina Graça”, no povoado Açuzinho, município de Lagarto-SE. Nosso segundo passo foi realizar visitas frequentemente nesses dois ambientes; após o primeiro contato iniciamos a realização das anotações de campo para posteriormente realizar a documentação das reuniões: o primeiro passo foi observar o comportamento dos membros das comunidades para descrever e fazer um estudo detalhado sobre a história da região e do grupo com a finalidade de identificar fatos que pudessem ser relevantes para análise dos dados. Para o terceiro passo cuidadosamente foi elaborado um roteiro para a comunidade de prática do PIBID e o *praesidium* Mãe da Divina Graça de acordo com o fator sexo/gênero e escolaridades.

Em seguida realizamos as entrevistas individuais. Selecionamos para as entrevistas os informantes que tinham maior interação no grupo. As entrevistas duraram em média 40 a 60 minutos com a finalidade de captarmos nuances, estilos, e marca identitárias e os papéis sócios-pessoais dos informantes.

1.1 Comunidades analisadas

O PIBID de Matemática, atualmente conta com a participação de 15 bolsista, possuindo 2 voluntários. É constituído por 12 homens, incluindo o coordenador, 6 mulheres. Os membros do PIBID são estudantes de faixa etária entre 20 a 27 anos. O grupo se reúne no Departamento de Matemática, no campus de São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe, uma vez por semana, toda quinta-feira. Os membros dessa comunidade residem em diferentes municípios (Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Aracaju e São Cristóvão), porém passam a maior parte do tempo no município de São Cristóvão, no bairro Rosa Elze, zona urbana onde fica localizado a universidade e as escolas onde atividades do projeto são desenvolvidas. Já a comunidade “Mãe da Divina Graça”, grupo de cunho religioso, possui no total 13 membros, composto por 4 oficiais, e 9 membros, entre, crianças e adultos. A maioria dos membros são pessoas mais velhas entre 51 a 83 anos; com um nível de escolarização bastante diversificado,

indo do fundamental menor ao ensino superior, e também pessoas não escolarizadas, todos residentes da zona rural, no povoado Açuzinho em Lagarto/SE; os assuntos por eles debatidos são referentes à: religiosidade, família, trabalhos voluntários etc.

As assimetrias existentes entre as comunidades, nos leva acreditar que essas distinções influenciam na ocorrência ou não da palatalização de /t/ e /d/ antecedidas por glide. Levamos, também, em consideração a relação de hierarquia, ou seja, de poder, uma vez que ambos os grupos apresentam uma hierarquia bem demarcada, e analisamos em quais momentos eles se monitoram mais, senas reuniões, ambiente onde o indivíduo apresenta sua face pública, ou nas entrevistas individuais, momento privado no qual ele está menos preso às pressões sociais.

Para exemplificar como essas comunidades estão organizadas hierarquicamente, apresentamos as figuras 1 e 2.

Figura1: Organização Hierárquica do PIBID de Matemática

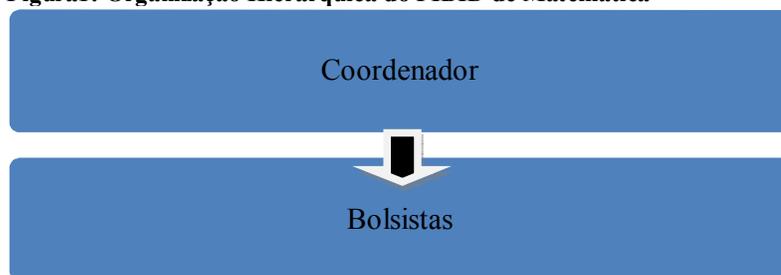
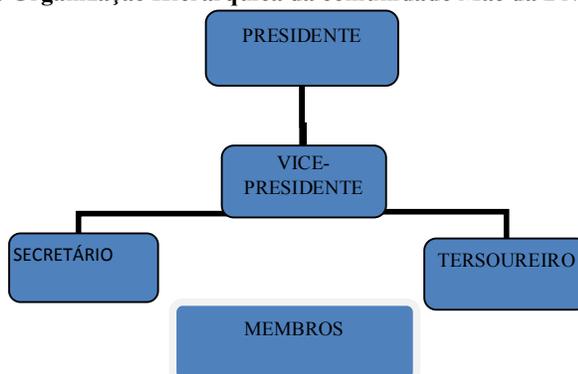


Figura 2: Organização Hierárquica da comunidade Mãe da Divina Graça



1.2 Processo da análise de dados

Para que pudéssemos dar início ao processo de análise da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida pela semivogal /j/ nas comunidades de prática PIBID e o *praesidium* Mãe da Divina Graça, realizamos a transcrição dos dados no software *Transcriber*, logo após, foi realizada a codificação de dados pelo software *Rstúdio*. Posteriormente, para a realização da quantificação dos dados linguísticos colocamos a tabela de codificação de dados no software *Goldvarb* para obtermos o número total, percentual e peso relativo em relação à palatalização das oclusivas dentais nas comunidades de práticas.

2 Comunidades de práticas

Nesta seção, apresentamos a descrição das comunidades de práticas investigadas: o PIBID de Matemática e o Praesidium Mãe da Divina Graça. A escolha dessas comunidades deu-se pelo fato de ambas nos possibilitarem estudar de que forma fatores externos contribuem para a construção de uma identidade linguística.

2.1 PIBID de Matemática

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem como intuito em apoiar os estudantes de licenciatura plena das instituições de Ensino de Superior pública. Os principais objetivos do projeto são: a incentivar a formação de professores para a educação básica, especialmente para o ensino médio; valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente; melhoria da qualidade da educação básica.

Embora o edital do PIBID tenha sido lançado no ano de 2007, e só foi implementado nas universidades que aderiram ao programa no ano de 2009. Em junho deste mesmo ano, o PIBID de Matemática iniciou suas atividades na Universidade Federal de Sergipe. A seleção para o PIBID ocorre da seguinte forma: primeiramente acontece através de um edital interno; os coordenadores estabeleceram quatro critérios para seleção dos bolsistas: a disponibilidade de horário e a carta de intenção com peso 3, e os outros dois são a MGP e a entrevista individual com peso 2. Logo no início do programa, no Departamento de Matemática, foram selecionados 9 bolsistas; após dois anos, ampliado para 15.

O grupo PIBID, atualmente conta com a participação de 15 bolsista, possuindo 2 voluntários. Possuem 12 homens, incluindo o coordenador, 6 mulheres. Os membros do PIBID são compostos por estudantes de faixa etária entre 20 a 27 anos, possuindo o mesmo nível de. O grupo se reúne no departamento de matemática no campus de São Cristóvão – SE, uma vez por semana, toda quinta-feira. A reunião inicia às 9 horas e encerra às 12 horas; para discutir os assuntos.

2.2 Comunidade de Prática “Mãe da Divina Graça”

A comunidade *Praesidium* Mãe da Divina Graça situa-se no povoado de Açuzinho/SE. Trata-se de uma associação de católicos, denominada Legião de Maria. Essa Legião foi criada por Dona Petronila da Conceição Santos Souza no município de Lagarto/ SE, especificamente no povoado de Açuzinho. No dia 2 de outubro de 1988 foi realizada a primeira reunião da Rosa Mística da Legião de Maria na Igreja Santa Rita de Cássia (*Praesidium*), povoado Açuzinho – paróquia Santa Luzia Colônia Treze – Lagarto, Sergipe. Nesta reunião compostas de religiosos estavam participando 26 membros, sendo 4 oficiais; entre eles, Sr. Edvaldo Firmo de Cerqueira, primeiro presidente do grupo, assumiu essa função há 10 anos; quando tinha 47 anos, era lavrador; junto com dona Eralda Menezes de Santana foi à vice-presidente e Dona Petronila da Conceição Santos Souza (fundadora do movimento no povoado) e outros expandiram esse movimento.

Em 1989, o grupo teve que ser desmembrado, pois o grupo havia ultrapassado a quantidade de membros, com isso, surgiu à comunidade da Mãe da Divina Graça. A Mãe da Divina Graça possui no total 13 membros, composto por 4 oficiais, e 9 membros, entre, crianças e adultos. Com o passar dos anos o grupo cresceu e se espalhou pela paróquia Santa Luzia.

3 Resultados e discussão

Para a realização da análise da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida pela semivogal /y/ foram considerados os seguintes fatores sociais: grupo, sexo/gênero e escolaridade.

Realizando uma análise dos dados gerais, observa-se que a localização influencia no repertório linguístico, pois os indivíduos que residem na capital estão sujeitos a não palatalizar, já, os indivíduos que residem em povoados tendem a palatalizar com frequência.

Tabela 1: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida por glide

COMUNIDADES DE PRÁTICAS	Não Palatalizaram		
	Aplicação/Total	%	Peso relativo
PIBID	836/850	98,4%	0,61
AÇUZINHO (MÃE DA DIVINA GRAÇA)	629/979	64,2%	0,39
TOTAL	1465/1829	80,1%	

Na tabela 1, podemos observar que os estudantes da comunidade de prática do PIBID não palatalizam em 98,4% dos contextos, ou seja, em quase todos os contextos foi realizada a variante dental, ao passo que a comunidade do povoado de Açuzinho não palatalizou em 64,2% dos contextos. Esse resultado deve-se pelo fato dos estudantes do PIBID morarem na zona urbana, mas também por estarem cursando o nível superior, já, a comunidade “Mãe da Divina Graça” palataliza mais possivelmente porque o povoado é localizado na zona rural e alguns dos membros não são escolarizados.

Tabela 2: Grupo de ocorrência palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida por glide

Faixa etária	Não Palatalizaram		
	Aplicação/total	%	Peso relativo
18 a 30 anos	705/714	98,7%	0,82
31 a 49 anos	532/640	83,1%	0,27
mais de 50 anos	228/475	52%	0,23
TOTAL	1465/1829	80,1%	

A tabela 2 apresenta resultados por faixa etária e vemos que o grupo de 18 a 30 anos é o que mais conserva a forma de prestígio, em seguida o grupo de 31 a 49 anos ainda conserva a forma de prestígio; mas é o grupo com mais de 50 anos que mais utiliza o fenômeno.

Tabela 3: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida por glide fator sexo/gênero

SEXO/GÊNERO	Não Palatalizaram		
	No./total	%	Peso relativo
Masculino	654/735	89%	0,41
Feminino	811/1094	74,1%	0,56
TOTAL	1465/1829	80,1%	

Em relação ao fator sexo/gênero, os informantes homens apresentaram em sua fala maior uso das variantes em análise, preferindo a realização dento- alveolar (a variante prestigiada) com peso relativo de apenas 0,41, as mulheres, por sua vez, o fizeram em 0,56. A aplicação, o percentual e o peso relativo do uso não palatalizado de /t/ e /d/ de homens e mulheres das comunidades de prática “PIBID de Matemática” e “Mãe da Divina Graça” são exibidos na tabela 3.

Tabela 4: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida por glide fator escolaridade

Não Palatalizaram			
ESCOLARIDADE	No./total	%	Peso relativo
DOUTORADO	180/186	96,8%	0,91
NÍVEL SUPERIOR	925/955	96,9%	0,64
ENSINO FUNDAMENTAL	167/235	71,1%	0,29
4ª SÉRIE	193/453	57,4%	0,15
TOTAL	1465/1829	80,1%	

Quanto ao fator escolarização, na tabela 4, podemos observar que o fenômeno ocorre com mais frequência em membros com menos escolaridade.

Com esse resultado, é possível afirmar que os fatores sexo/gênero, escolarização, idade e contexto social influenciam nos resultados da palatalização.

Considerações finais

Portanto, nossos resultados apontam que a palatalização das oclusivas dentais ocorre com maior frequência na zona rural, e o processo é influenciado pelos fatores como: contexto social, sexo/gênero, escolaridades, faixa etária. Pessoas mais velhas, não escolarizadas, residentes da zona rural tendem a palatalizar as oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedida por glide por estarem em um ambiente propício à mudança. Diferentemente dos informantes mais jovens, escolarizados, de sexo feminino e masculino, residentes da zona urbana, que conservam a forma de prestígio.

Constatamos que a forma prestigiada é utilizada na maioria das situações por mulheres, por sua vez, os homens apresentam mais o uso da palatalização das oclusivas dentais antecedida por glide. Cabe ressaltar do fato de ambas as comunidades analisadas possuírem uma construção hierárquica definida, faz com que os membros sejam influenciados pelo repertório linguístico de seus líderes.

Referências Bibliográficas

- BISOL, Leda.; HORA, Dermeval. O. da. Palatalização da oclusiva dental e a Fonologia Lexical. Letras, n. 5. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1993.
- COULTHARD, Malcolm. Linguagem e sexo. São Paulo: Ática, 1991.
- DUBOIS, Jean; e outros. Dicionário de Linguística. São Paulo: Cultrix, 2004.
- ECKERT, Penelope.; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN; FONTANA, et al. Linguagem, sexo, sexualidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 95-101.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados Falares Sergipanos. Working Papers em Linguística, 14 (2), 2013, p. 47.
- FREITAG, Raquel Meister Ko.; MARTINS, Marco Antonio.; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. Alfa, São Paulo, 2012.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOTA, Jacyra. Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Resumo. In: I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. I SIMELP. São Paulo: USP - FFLCH, 2008. v. 1.
- PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: Maria Cecília Molicia;

Maria Luiza Braga (orgs.). Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003

PAIVA, Maria da Conceição de. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.) Cadernos didáticos UFRJ: Introdução à sociolinguística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986.